

O RENDER DOS HERÓIS

«Narrativa dramática em um prólogo, duas partes e uma apoteose» assim chama o autor a este seu trabalho. Narrativa dramática é a definição justa, pois a designação «peça» implica infalivelmente a existência de um fio condutor da intriga e a leva a um fim lógico, clássico se preferem, ou meramente convencional.

Cardoso Pires, depois de festejado como contista e romancista, quis ver o que resultava desta experiência, aproximação teatral da maneira de Brecht, e deu-nos mais que uma peça acessível a qualquer ficcionista, deu-nos um magnífico espectáculo com a ajuda preciosa de Fernando Gusmão que a encenou. «O Render dos Heróis» mostra aquela parte em que a história nem sempre deseja desnudar a face da verdade, dissimulando o medo clássico, incondicional, sem beleza, esse medo que sente sempre o criminoso (vamos lá chamar-lhe guerreiro) quando os seus crimes vão ser punidos, quando no implacável relógio do destino soou a hora da vingança. Os que mandavam torturar, matar, saquear friamente sem um rebate de consciência, são acometidos de pânico ao verem as suas vidas em jogo, ao pensarem no risco das pobres peles que nem para tapetes poderão servir, depois. Então o medo asselta-os e não é brilhante esse pavor que os torna rasgados, miseráveis, farrapos sujos de sangue alheio mas receosos de derramar o seu. Os vencidos perdem a crueldade e a arrogância que tiveram quando vencedores, rendem-se da forma «mais aviltante». Escolheu José Cardoso Pires uma época agitada da nossa história para localizar a acção da sua narrativa dramática: situou-a durante as guerras Miguelistas, quando o povo cantava nas ruas:

«Olha a Maria da Fonte,
Não é mulher como as mais,
traz o navalha na liga
para matar os Cabrais.»

E se não eleva a figura romântica e lendária de Maria da Fonte, o autor marca em pinceladas de água-fortista de bom quilate, os interesses criados, os vira-casacas, os reformadores dos próprios credos que se alteram ao sabor dos ventos mais propícios, o trivial nestas andanças, e sempre pairando sobre tudo, a crueldade do vencedor e a duplicidade de muito vencido. Há na história um cego por conveniência — ele bem sabia quanto era perigoso trazer os olhos abertos — que teve em Ruy de Carvalho magistral intérprete. Tudo que o autor podia exigir desta figura, Ruy deu-o: boa voz, ironia, intenção, não se perdendo uma palavra. Magnífica a forma como atirou uma frase mais ou menos assim: «Foram sempre os pobres que deram dinheiro aos ricos». É curioso como o mundo tem evoluído pouco! José Cardoso Pires pretende destruir o mito do herói isolado. Para ele, o heroísmo só pode partir do multidão consciente.

Há que pôr em relevo a interpretação primorosa que José Amaro deu ao coronel Matamundos, o melhor trabalho que lhe conhecemos. Rogério Paulo manteve os seus crédito e se mereceu palmas na cena da embriaguês, outras passaram em que as merecia também. Carmen D'Almeida, na perfeita compreensão do que é um trabalho de equipa chamou a si um papel de pouco relevo; Maria Ricardo Silveira, sem ensejo para patentear os seus recursos de comediante, até porque o autor parece desdenhar, propositadamente, as «grandes cenas». Mas ao que fez, emprestou toda a sua alma e inteligência de artista, o que é seu processo de trabalho, quer o papel a apaixonou ou não. Tomás de Macedo deu a nota justa da crueldade e cobardia ao «gargantanas» que mate e bate quando não corre perigo. Jaime Santos, foi com perfeita inteligência e compreensão o padre-soldado Casimiro José Ferreira. Angela Ribeiro — Maria Angelina — bonita e franzina, foi atraída pela voz, débil para um palco tamanho. Maria Cristina e Fernanda Alves, duas exuberantes comadres que comentam os acontecimentos com bom recorte caricatural. O «Cavaleiro Stanley» encontrou acertado intérprete em Luís Cerqueira. Ruy Mendes, acabado de despir a sua farda de soldado a sério, envergou a pele do bacharel Alexandre, com correcção, sem oportunidade para mais, o mesmo acontecendo a Mo.ais e Castro, António Sarmiento, Maria Schultz e Clara Joana, que emprestou a sua galanta-

ria a uma camponesa. Carlos Cabral soube caricaturar o fiscal de impostos (tremenda palavra lá no tempo do Sr. D. Miguel). Alexandre Passos, Luís Alberto, Duarte Manuel e Fernando Soares, contribuíram para a justa do representação. Armando Caldas deu-nos um Macdonell, amigo das comidas e das bebidas, muito certo, e Fernando Gusmão só figurou, dando ao almirante inglês a sua boa presença. O trabalho de encenador era muito para que pudesse exigir mais de si próprio e marcou com esta encenação o ponto mais alto da sua carreira, ainda curta mas prometedora. Não era fácil erguer um espectáculo destes: frases curtas, incisivas, a supressão de quanto fosse teatro para ficar o «espectáculo». A apoteose, estupenda de humor, a que não faltou o pendão das mães agradecidas. Excelentes efeitos de luz. A voz de Constança Navarro conseguiu comover e estar presente mesmo mantendo-se sempre fora de cena.

Será Cardoso Pires um autor dramático? A interrogação fica, mas cremos que a resposta não tardará, quando ele quiser dar obra inteiramente sua, sem ir buscar sugestões, pois não precisa. Palavras e gestos tem-nos com a expressão que basta para ir até onde quiser no campo de modernismo, com matéria-prima da casa. Pode dar um teatro moderno válido e português.

Cenários bons de Octávio Clérigo. Música de Carlos Paredes.

Tirada foi a prova de que uma narrativa dramática pode interessar, posta em teatro, encontrando o encenador que a valorize. Dão-se prémios a torto e a direito, com razão e sem ela, comendas, tachos, colheres e garfos. Pois aí têm Fernando Gusmão um prémio sem valor mas ganho com o seu talento: a nossa incondicional rendição, à maneira magistral como encenou este «Render dos Heróis».

dê reflexos de ouro ao seu cabelo



Pode conseguir facilmente com a loção
vegetal inofensiva

Camomila
Intea

INTEA P. BELTRAN — SANTANDER — ESPANHA

proporciona
ao seu cabelo
os tons maravilhosos
de castanho
e louro

REPRESENTANTES: **ORBEAR**

RUA DA MADALENA, 193-197
LISBOA-2 — TELÉF. 36 8521/2/3/4